

Manoel de Barros, o poeta do devir

Márcio Sales da Silva

UNIABEU

Resumo:

A poesia de Manoel de Barros é uma afirmação do devir. A noção de devir surge entre os gregos com a intenção de explicar o movimento, a transformação das coisas e a criação do novo. Ela é discutida, por exemplo, por Heráclito que reconhecia a mudança permanente de tudo o que existe. Na atualidade, o filósofo Gilles Deleuze debruça-se sobre o conceito de devir e o experimenta a partir dos encontros. As coisas em movimento se esbarram umas com as outras, de maneira que acontece uma mútua afetação que faz com elas estejam o tempo inteiro se modificando. E os encontros são múltiplos; bem como a possibilidade de invenção de novas relações e novas composições. É assim que Manoel de Barros pode ser visto como o poeta do devir. Em sua poesia a invenção é a marca principal; e ela é feita através da mistura dos corpos e das palavras.

Palavras-chave: devir, encontro, invenção.

The poetry of Manoel de Barros is an affirmation of becoming. The notion of becoming appears among the Greeks with the intention to explain the movement, the transformation of things and the creation of the new. It is argued, for example, by Heraclitus who recognized the permanent change of everything that exists. In the present time, the philosopher Gilles Deleuze leans on the concept of becoming and tries it through the encounters. Things in movement encounter one another so that a mutual affectation happens that makes them change all the time. And those encounters are multiple; as well as the possibility of invention of new relations and new compositions. It is that way Manoel de Barros can be seen as the poet of becoming. In his poetry invention is the main mark; and it is made by means of the mixture of bodies and words.

Key words: becoming, encounter, invention

Pode-se dizer de Manoel de Barros que ele é um pensador que brinca com as palavras, que inventa mundos, que desconcerta o olhar viciado das coisas. Ele nos faz ver de outra maneira. Embora não seja uma palavra do vocabulário *manoelês*, Manoel de Barros não cessa de afirmar o devir. Mas afinal, o que é o devir?

Devir é um daqueles conceitos extraordinários inventados pelos gregos. Mesmo não havendo uma palavra na língua portuguesa que traduza plenamente o que é o devir, é possível recolher alguns indícios e arriscar algumas aproximações que nos permitam experimentar a sua

potência. Até mesmo porque a potência de um conceito não está no conceito em si, no que ele significa, mas naquilo que ele nos permite pensar; ou seja, no espaço aberto deixado pelo conceito para a criação de novos pensamentos.

Aliás, é assim que concebo também a poesia. Portanto, neste passeio pela escrita inventiva de Manoel de Barros, não se trata de desvendar seu significado, mas de inventar outros sentidos e extrair novas composições.

O devir de Heráclito

Dentre os filósofos da antiguidade, Heráclito foi aquele que levou mais longe a questão do devir. Sua célebre expressão “não é possível banhar-se duas vezes nas águas do mesmo rio” (GERD, 1993, p. 41) tornou-se emblemática quando se trata de pensar a noção de devir. É que para Heráclito tudo está em movimento e é justamente o movimento que determina a harmonia do mundo. E uma vez que tudo se move, tudo se esbarra e se transforma. O rio se move e já não é mais o mesmo; aquele que se banha também não é o mesmo de ontem. As coisas se transformam o tempo inteiro porque são tocadas por outras coisas. As coisas se encontram e se alteram no encontro. A partir do encontro nada permanece no mesmo lugar, nada continua da mesma maneira, tudo flui.

A potência do devir está no fato de que ele, arrastando todas as coisas, promove encontros e variações. O devir é, pois, a possibilidade de mudança, a expressão da multiplicidade, a força da criação do diferente – uma energia mobilizadora. O devir diz respeito não ao que somos, mas ao que estamos em via de nos tornar, ao que podemos nos tornar a partir das conexões que vivenciamos. Ele é a lança que é lançada para outro lugar esperando que alguém a encontre e a arremesse novamente. O devir não define um destino, antes assinala que o destino de todas as coisas é a permanente transformação.

Deleuze e o devir

Mas o devir não foi uma questão abordada apenas pelos filósofos da antiguidade. Ainda hoje ele dá muito que pensar. Ocupa um lugar de destaque no pensamento de vários filósofos contemporâneos, dentre os quais se destaca Gilles Deleuze. Para Deleuze o devir é uma experiência marginal; ele age rompendo com as estratificações e com as segmentações. Ele rejeita ser sugado pelo centro procurando então as margens, as brechas, as fissuras que permitem escapar do mesmo, da mesmice, do habitual. O devir se afirma na invenção. Por isso ele é revolucionário, uma vez que não pretende se limitar ao que já existe nem legitimar o que já está dado. “Devir é jamais imitar, nem fazer como, nem ajustar-se a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade” (DELEUZE, 1998, p. 10). Ele tem mais a ver com linhas que nos atravessam, forças que nos afetam, enfim, devires que nos arrastam para outros lugares e dissolvem nosso chão, nosso território – pura desterritorialização.

Deleuze refere-se ao devir como *encontros nupciais* que se dão entre as coisas; como, por exemplo, o encontro entre a vespa e a orquídea, entre o carrapato e o cachorro, entre o homem e a criança. As núpcias não se reduzem a um par, a uma máquina binária do tipo masculino e feminino, macho e fêmea; elas são mais uma conspiração, uma possibilidade de encontros, mesmo os menos comuns. São capturas; dupla captura entre dois reinos distintos. O encontro da vespa e da orquídea faz parte de um mesmo devir em que “a vespa torna-se parte do aparelho reprodutor da orquídea, ao mesmo tempo em que a orquídea torna-se órgão sexual para a vespa” (DELEUZE, 1998, p. 10). Há uma simpatia, uma atração dos corpos, uma sede de amizade e convivência. Manoel diz: “Queria propor o enlace de um peixe com uma lata” (BARROS, 2003, p. 39). É que as coisas do mundo são cheias de afetos e se definem pela capacidade de afetar e ser afetado. Tudo faz parte de um universo em relação, dos encontros que produzem alegria ou tristeza, das forças que destroem ou fazem surgir coisas belas, ou mesmo das que destroem para fazer surgir coisas belas.

Devir enquanto afetos que se formam no encontro. “Os afetos são devires: ora eles nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza), ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto ou superior (alegria)” (DELEUZE, 1998, p. 73 e 74). Somos afetados a todo momento; mas não sabemos nem como, nem quando, nem mesmo por quem o nosso corpo será afetado. É tudo por

conta do devir. É tudo um devir, um movimento sem escala. Mas ao sermos afetados, enfraquecemos ou nos fortalecemos. A vida passa e se expande ou ela é retida e se contrai. Agimos e criamos ou mergulhamos na inércia e sucumbimos. Os afetos estão presentes em tudo e são eles que definem a nossa relação, nossos desejos, nossas ações. “Os corpos não se definem por seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos e suas funções, mas por aquilo que podem, pelos afetos dos quais são capazes, tanto na paixão quanto na ação. Você ainda não definiu um animal enquanto não tiver feito a lista de seus afetos. Neste sentido, há mais diferença entre um cavalo de corrida e um cavalo de trabalho do que entre um cavalo de trabalho e um boi” (DELEUZE, 1998, p. 74). O devir é o que estabelece uma relação afetiva com as coisas. Assim um devir-animal diz respeito à simpatia que se tem com um determinado animal. Um homem pode estar mais próximo de um pássaro, de um morcego, de uma cobra do que de outro homem. Próximo não no sentido físico ou espiritual, mas no sentido dos afetos. “Daí a força da questão de Espinoza: *o que pode um corpo?* De que afetos é ele capaz?” (DELEUZE, 1998, p. 73). Tudo acontece no encontro dos corpos. Daí Deleuze concluir que “um animal se define menos por seu gênero ou sua espécie, seus órgãos e suas funções, do que pelos agenciamentos nos quais ele entra” (DELEUZE, 1998, p. 83).

Por isso que o devir não é imitar. Não é o homem querer ser pássaro, mas é uma relação de afetação mútua entre ele e o animal em que ambos se transformam, em que um se alimenta do outro provocando o que Deleuze chama de evolução a-paralela: “os dois formando um único devir, um único bloco, uma evolução a-paralela, de modo algum uma troca, mas ‘uma confiança sem interlocutor possível’” (DELEUZE, 1998, p. 11). O encontro não é uma troca, mas uma mistura. Não há uma negociação, mas uma conspiração, uma confiança, um segredo, uma revolução silenciosa. Em suma, uma amizade.

Manoel de Barros e a experiência do devir

A experiência do devir é revolucionária, pois consiste na capacidade de recusar uma condição imposta ou pré-estabelecida; e isto requer uma força impressionante. Dizer *não à Máquina*

que deseja nos dominar. A Máquina é o que sopra nos nossos ouvidos os seus conselhos, os seus ensinamentos, as suas verdades; ela representa a essência da autoridade; é tudo aquilo que está pronto e ordenado. Já o devir é desordem, caos, subversão; toda forma de movimento, toda forma de invenção. Devir-animal, devir-criança, devir-mulher... Potências nômades contra a potência das Máquinas, como podemos constatar no poema *A máquina* (BARROS, 1999b, p. 45):

A Máquina mói carne

excogita

atrai braços para a lavoura

não faz atrás de casa

usa artefatos de couro

cria pessoas à sua imagem e semelhança

e aceita encomendas de fora

A Máquina

funciona como fole de vai-e-vem

incrementa a produção do vômito espacial

e da farinha de mandioca

influi na Bolsa

faz encostamento de espáduas

e menstrua nos pardais

A Máquina

trabalha com secos e molhados

é ninfomaníaca

agarra seus homens

vai a chás de caridade

ajuda os mais fracos a passarem fome

*e dá às crianças o direito inalienável ao
sofrimento na forma e de acordo com
a lei e as possibilidades de cada uma*

*A Máquina engravida pelo vento
fornece implementos agrícolas
condecora
é guiada por pessoas de honorabilidade consagrada,
que não defecam na roupa!*

*A Máquina
dorme de touca
dá tiros pelo espelho
e tira coelhos do chapéu*

*A Máquina tritura anêmonas
não é fonte de pássaros
etc.
etc.*

Não é fonte de pássaros porque ao invés de soltar, de movimentar, de fazer voar e subir a Máquina prende, imobiliza, cria estruturas sólidas amarradas no chão. Podemos dizer que os poemas de Manoel de Barros é uma grande conspiração contra a Máquina e pela afirmação do devir.

Então vejamos algumas formas do devir em Manoel de Barros.

Manoel das palavras voadoras: o devir- pássaro

Por viver muitos anos dentro do mato

moda ave

O menino pegou um olhar de pássaro –

Contraíu visão fontana.

(BARROS, 2004c, p. 11)

O menino *passarou*. Não, não quer dizer que ele se tornou um pássaro. Muito menos que ele se parece com um pássaro ou tem atitudes de pássaro. Não se trata de metáfora ou qualquer outro tipo de comparação. O menino contraíu um devir-pássaro. É como se entre ele e o pássaro houvesse uma harmonia, uma linguagem comum, um sentimento compartilhado. É como se o pássaro se sentisse tão à vontade e fizesse um ninho em sua cabeça. É como se ele se sentisse tão próximo e fizesse o pássaro dormir em suas mãos. Mas isto não quer dizer que o devir dependa do contato, de uma convivência conjunta. Contrair o devir-pássaro é contrair a potência do pássaro.

Mas para isso, é preciso se despojar de uma realidade *demasiadamente humana*. Seria o mesmo que falar uma linguagem sem gramática. É assim que Manoel define a sua própria linguagem. O *manoelês* é uma maneira de brincar com as palavras; de lhes roubar o sentido e deslocá-lo para outra direção – *Instala-se uma agramaticidade quase insana, que empoeira o sentido das palavras*: “As palavras eram livres de gramáticas e podiam ficar em qualquer posição” (BARROS, 2004c, p. 11). É uma maneira de tirar os órgãos do corpo da palavra e torná-la agramatical. A palavra entra em composição com o seu ambiente. Nunca é a palavra apenas; mas a palavra fecundada por aquilo que a toca – *A água passa por uma frase e por mim* (BARROS,

2004a, p. 44). Em seu devir-pássaro Manoel faz as palavras voarem e ele mesmo sobrevoa o mundo como um pássaro.

O eterno devir-criança

Manoel de Barros escreve a sua autobiografia e a intitula de *Memórias inventadas*. Mas se são memórias, como podem ser inventadas? O que é inventado é porque tem a ver com o novo. E memórias têm a ver com lembranças do que já existiu. Como pode então ser memórias inventadas? É que no universo da infância as coisas funcionam de outra maneira: tudo é inventado. Daí a célebre fórmula de Manoel: “tudo o que não invento é falso” (BARROS, 2004b, p. 67) ou ainda a sua doce confissão: “noventa por cento do que escrevo é invenção; só dez por cento é mentira” (BARROS, 2003, p. 45). O valor está na invenção, na criação do novo. E como nada escapa a esta potência criativa, até as memórias são inventadas. Mesmo o olhar sobre o passado pode ser desdobrado em múltiplos sentidos. Há quem olhe para o seu passado e vê só tristezas e decepções; há quem tenha medo do passado e dele tenta fugir; há quem reverencie o passado de tal maneira que faz dele sempre maior que o presente. O passado pode ser uma grande prisão que impede de se viver o hoje. Nietzsche falava do perigo deste tipo de olhar para o passado: um olhar que apequena o homem. Em sua Consideração Extemporânea: *Da utilidade e desvantagem da história para a vida* nos alerta neste sentido. Mas há quem olhe para o passado com o olhar da renovação. Mais que isso, com o olhar da invenção. Pegar a massa do passado para cozer um novo alimento, com novas misturas, novos temperos, novas formas. Belo olhar! Belo uso das memórias! Mas para tanto também é preciso aprender com as crianças. Um devir-criança – experimentar a potência inventiva da infância é o que nos convida Manoel de Barros.

Carrego meus primórdios num andor.

Minha voz tem vício de fontes.

Eu queria avançar para o começo.

Chegar ao criancamento das palavras.

(BARROS, 2004b, p. 47)

Há um ditado popular que diz: *devagar com o andor que o santo é de barro*. Manoel, que também é *de barros*, carrega seus primórdios num andor. Reverencia o início, o momento onde tudo principia; o lugar de onde tudo germina, onde tudo está em movimento e em plena transformação. Seu passado mais criativo e desejado soa como a voz de uma criança. Espanto, curiosidade, inquietação, deleite e simplicidade. Há muita vantagem na busca dessa fonte; por isso ela é carregada, com muito cuidado, num andor. As crianças quando estão brincando levam muito a sério suas brincadeiras.

Mas o *santo* que está no andor é de barro. É frágil. Basta uma pequena distração e ele se quebra. Mas distração também é coisa de criança. É o divertimento que mora no esquecimento. Então é certo que ele vai se quebrar. E eis que de repente os primórdios se espatifam no chão. Isso acontece quando ele quer ser maior do que aqueles que o carregam. O passado não pode se impor ao presente; não pode querer silenciá-lo; não pode servir de amarras para a força que quer se expandir e criar. Há uma certa desvantagem da história para a vida. Às vezes é preciso quebrá-la, parti-la ao meio, espedaçá-la para que não nos importune mais.

Brota um devir-árvore

Mas seria possível um devir-árvore? Há potências nômades nas árvores que eu posso me apropriar ou me deixar possuir? As árvores não se movimentam. Mas só aparentemente. Na verdade, as árvores se movem sem sair do lugar. Elas bailam em seus encontros com o sol, com a chuva, com o vento, com os pássaros. Eu mesmo conheci um cajueiro que saiu correndo ao encontro do sol. Subiu, subiu, subiu até encontrar de novo a alegria de viver. Precisou lutar muito e vencer, inclusive, aqueles que diziam que não tinha mais jeito. E quando se está feliz se produz muitos frutos. As árvores bailam e formam novos aprendizados. Diz Manoel: “Meu irmão aceitou

de ser a árvore daquele passarinho. No estágio se ser árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola” (BARROS, 2003, p. 63).

E assim ele segue cantando o devir-árvore:

As plantas

me ensinavam de chão.

Fui aprendendo com o corpo.

Hoje sofro de gorjeios

nos lugares puídos de mim.

Sofro de árvores.

(BARROS, 1999a, p. 50)

Retiro semelhanças de árvores comigo.

(BARROS, 2004b, p. 51):

O infame devir-chão

Onde já se viu devir-chão? Chão é sinônimo de ralés, de rebaixamento, de coisa rasteira, sem valor, inútil. “O artista recolhe neste quadro seus companheiros pobres do chão: a lata a corda a borra vestígios de árvores etc.” (BARROS, 1999b, 11). Ninguém quer as coisas do chão, só as do alto. Mas ele não. Ele ama o chão e não o céu, o sub e não o sobre, o menor e não o maior. Poesia menor, literatura menor, filosofia menor. Vidas infames. Nada que tenha utilidade. O que não quer dizer que não tenha função. O valor das coisas deve ser medido pelo funcionamento e não pela utilidade. Uma poesia não tem utilidade nenhuma. Mas ela funciona. Funcionar é mover, é fazer mover, é sair ou tirar do lugar. Eu leio uma poesia e... pronto: já não sou mais o mesmo; ela desviou meu olhar, ela me tirou do lugar. Tornou-me melhor, pior, cheio, vazio? Não importa. Ela não tem utilidade. Ela simplesmente funciona, move, exercita, excita, trabalha. O chão é o devir das coisas inúteis, mas altamente funcionais.

*O chão reproduz
do mar
o chão reproduz para o mar
o chão reproduz
com o mar
O chão pare a árvore
pare o passarinho
pare a
rã – o chão
pare com a rã
o chão pare de rãs
e de passarinhos
o chão pare
do mar*

(BARROS, 1999b, p. 31)

O gosto pelo chão é também o gosto pelo trapo, pelo imundo, pelo rejeitado, pelo traste. O que se pode fazer em favor da poesia? No que Manoel responde: “Deixar os substantivos passarem anos no esterco, deitados de barriga, até que eles possam carrear para o poema um gosto de chão – como cabelos desfeitos no chão – ou como o bule de Braque – áspero de ferrugem, mistura de azuis e ouro – um amarelo grosso de ouro da terra, carvão de folhas” (BARROS, 2001, p. 18). Ainda insiste:

*- Você sabe o que faz pra virar poesia, João?
- A gente é preciso de ser traste.*

(BARROS, 2001, p. 25)

A beleza na pobreza. A liberdade na fealdade. O traste é enfeitado e por isso mesmo é livre para a poesia. É como aquela musiquinha de criança: *nós gatos já nascemos pobres, porém já nascemos livre...* Encontrar o valor das coisas inúteis é arrancar poesia do trapo.

*Vou procurar com os pés essas coisas pequenas do
chão perto do mar*

Quem anda no trilho é trem de ferro

Sou água que corre entre as pedras:

- liberdade caça jeito.

(BARROS, 2001, p. 35 e 32)

O poema é antes de tudo um inutilensílio.

Hora de iniciar algum

convém se vestir de trapo.

(BARROS, 2002a, p. 25):

Na valorização das coisas ínfimas, das vidas infames, Deleuze também exalta o *menor*. Fala de uma literatura menor e faz uma filosofia menor. Penetra no submundo do caos para experimentar o devir. Com isto o menor deixa de ser visto como inferior e designa o mais intenso, porque mais livre. Neste sentido a poesia de Manoel é uma *poesia menor*; ou como ele mesmo diz: “uma pequena coisa infinita do chão” (BARROS, 2002a, p. 35).

Aprendo com abelhas do que com aeroplanos.

É um olhar para baixo que eu nasci tendo.

É um olhar para o ser menor.

(BARROS, 2002b, p. 27)

No rastro de devir-inseto

“Hei de monumentar os insetos!” (BARROS, 2004b, p. 61). Há muito que se aprender com os insetos. Em seu *Glossário de transnomações em que não se explicam algumas delas (nenhumas) ou menos*, Manoel de Barros apresenta algumas matérias de poesia. E acerca dos insetos tece uma bela teia:

Inseto, s.m.

Indivíduo com propensão a escória

Pessoa que se adquire da umidade

Barata pela qual alguém se vê

Quem habita os próprios desvãos

Aqueles a quem Deus gratificou com a sensualidade

(vide Dostoievski, *Os irmão Karamazov*)

(BARROS, 2002a, p. 45)

Até uma lesma passa na frente de Barros e deixa seu rastro:

Lesma. S.f.

Semente molhada de caracol que se arrasta

sobre as pedras deixando um caminho de gosma

escrito com o corpo

Indivíduo que experimenta a lascívia do ínfimo

Aquele que viça de líquenes no jardim

(BARROS, 2002a, p. 45)

A idéia de um devir-inseto também era apreciada por Deleuze que a associava à experiência molecular. Os insetos por serem minúsculos fabricam fendas muitas vezes imperceptíveis e, através delas, minam os terrenos, invadem territórios, desabam estruturas. Potência extraordinária para seres tão ínfimos. Manoel de Barros quis se especializar em insetos. Confessa: “Eu tenho doutorado em formigas” (BARROS, 2003, p. 55).

Ascendendo ao devir-deus

Um certo Bernardo, guardador de águas, tinha mania de ser deus. Quanto mais se aproximava do chão mais perto chegava de Deus. “Bernardo se inventa... Um dia chegou em casa árvore” (BARROS, 2004a, p. 10 e 12). Quando não é deus, mexe com Deus:

Com as mãos endireita Deus para ele.

O rio conta com os seus cuidados para descer as grotas

- conta

Com as suas bênçãos, com os seus escapulários...

Ele mexe com planta e com épocas.

(BARROS, 2004a, p. 17)

Manoel de Barros diz que ele montou no quintal uma *Oficina de Transfazer Natureza*. Certamente para brincar de deus. Lá ele já fez:

Duas aranhas com olho de estame

Um beija-flor de rodas vermelhas

Um imitador de auroras – usados pelos tordos.

(BARROS, 2004a, p. 20)

Todas as vezes que criamos experimentamos o gozo de Deus – “Experimento o gozo de criar. Experimento o gozo de Deus” (BARROS, 2002b, p. 21). Talvez deus seja outra palavra para criação e o ato criativo uma forma de devir-deus. O poeta sofre de devir-deus.

E por falar em devir... outros devires virão

Em Manoel de Barros todos os devires são possíveis. Devir-árvore, devir-concha, devir-inseto, até devir-pedra. É que para ele um corpo não tem órgãos; um corpo é feito de potências. Por isso diz que sua poesia é feita de corpo e, assim sendo, não deve ser compreendida, mas incorporada (BARROS, 2002a, p. 37). E um corpo pode co(r)pular com outro corpo e fazer novos compostos, novas experimentações, novas linguagens como bem aparece nos poemas de Manoel.

*Um João foi tido por concha
atrapalhava muito ser árvore – assim como
atrapalhava muito
estar colado em alguma pedra
Seu rosto era trancado
com dobradiças de ferro
para não entrar cachorro
(BARROS, 2001, p. 23)*

Os devires não apenas são possíveis como intercambiáveis. É possível passar de um devir a outro e, quando desejar ou enquanto desejar, permanecer nele, ali, trancado, com dobradiças de ferro, para não agitar o devir.

Devir, antropofagia e cosmofagia

Há uma antropofagia generalizada na condição humana. O homem se alimenta do outro: da sua história, das suas crendices, da sua arte, do seu pensamento, do seu trabalho etc etc. “Mas eu preciso ser Outros” (BARROS, 2002b, p. 79). E assim nos tornamos esse ser híbrido, cheio de todo mundo. Cada um é uma multidão, dizia Deleuze. Mas não pára por aí. Não nos alimentamos apenas das experiências humanas. Somos comedores do universo (*cosmos*) e de tudo o que nele há. Manoel

de Barros vai fundo nesta *cosmofagia* ou naquilo que ele chama de *transsubstanciação*: “paredes emprestam seu musgo aos caramujos-flores e os caramujos-flores às paredes sua gosma” (BARROS, 2002a, p. 60). Tudo devora tudo. Não sobra nada nem ninguém.

Na áspera secura de uma pedra a lesma esfrega-se

Na avidéz de deserto que é a vida de uma pedra a lesma

escorre...

Ela fode a pedra.

Ela precisa desse deserto para viver.

(BARROS, 2004a, p. 49)

- A partir da fusão com a natureza esses bichos se

tornaram eróticos. Se encostavam no corpo da natureza

para exercê-la. E se tornavam apêndices dela.

Ou seres adoecidos de natureza. Assim, pedras sonhavam

eles para musgo. Sapos familiarizavam eles com o chão.

(BARROS, 2004a, p. 27)

O realce dos devires de Manoel de Barros nos coloca diante de uma poesia que é feita de encontros infames, de misturas inusitadas, de relações amorosas pouco convencionais. É que sua poesia não pretende ser uma explicação do mundo, mas uma invenção de mundos que sugere a invenção de novas formas de olhar para o mundo e de vivenciá-lo. É esta potência criativa que faz de Manoel de Barros um poeta do devir.

Referências bibliográficas

Obs: As obras de Manoel de Barros foram ordenadas na seqüência da publicação da primeira edição.

-
- BORNHEIM, Gerd. (org.). *Os filósofos pré-socráticos*. 9ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- BARROS, Manoel. *Poemas concebidos sem pecados*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. *Compêndio para uso dos pássaros*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999a.
- _____. *Gramática expositiva do chã*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999b.
- _____. *Matéria de poesia*. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. *Arranjos para assobio*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002a.
- _____. *O guardador de águas*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004a.
- _____. *Livro sobre nada*. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004b.
- _____. *Retrato do artista quando coisa*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002b.
- _____. *Ensaio fotográficos*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- _____. *Poemas rupestres*. Rio de Janeiro: Record, 2004c.
- _____. *Memórias inventadas. A infância*. Rio de Janeiro: Record, 2004d.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.